A FREGUESIA DE SÃO PEDRO DO BOM JARDIM *

Raphael Copstein
e Gisela Copstein

"A Geografia Rural ou Agrária, na medida em que se fixa por objetivo explicar estados reais, é disciplina histórica porque não se faz o inventário de uma herança sem fazer História."

(Pierre George - Geografia Ativa).

Há três anos emancipou-se, de Estância Velha e Dois Irmãos, o município de Ivoti.

Boa parte do território desta novel comuna rio-grandense é formada pelas terras das linhas coloniais de Bom Jardim, Quarenta e Oito, Café e parte da Costa da Serra, que constituíram, em 1867, a Freguesia de São Pedro do Bom Jardim (figura 1).

Nascido sob o signo da agricultura, Ivoti, ao contrário do que se verificou em São Leopoldo, Nôvo Hamburgo, Estância Velha, Campo Bom, não evoluiu no sentido industrial.

A reconstituição do seu passado agrícola é relativamente fácil pela existência da *Crônica de Bom Jardim* que inspiradamente o padre Carl Schlisz, S.J. registrou nas páginas do *Deutsches Volksblatt*.

* Pretendiam os autores dêste trabalho realizar um estudo geográfico sôbre Ivoti. Infelizmente, razões alheias à sua vontade, impediram a consecução daquela tarefa pouco depois de iniciada. Como o material colhido lhes parecia interessante do ponto de vista da Geografia Histórica, resolveram aproveitá-lo da forma que o apresentam.

Os autores agradecem ao Padre Arthur Rabuske, S. J. que lhes revelou a existência da *Crônica de Bom Jardim*, ao Sr. Afonso Ternes, ao Dr. José Hanauer, e ao Sr. Carlos Hoch, moradores de Ivoti, pela inestimável colaboração.

A PAISAGEM

As terras da antiga Freguesia do Bom Jardim estendem-se pela encosta do Planalto Meridional em área modelada pelo rio Cadeia e seus tributários. Estes entalham terrenos formados por arenitos eólicos ou por basaltos resultantes do derrame ocorrido no Triássico Superior.

O rio Cadeia corta as terras da Freguesia ao norte, e correndo para sudoeste, lança-se no Caí, já fora dessa área. Os afluentes da margem direita apresentam seus cursos com orientação leste-oeste, seguindo a direção de prováveis falhas que afetaram a região.¹

Cortando em seus altos cursos rochas efusivas básicas, os arroios formam estreitos vales, transportam em grande quantidade seixos de diâmetros variados e apresentam lajeados. Possuem pequenas planícies aluviais que ressaltam na paisagem pela forma de ocupação humana. A passagem dos arroios para a área sedimentar é marcada por saltos que, não raramente, são aproveitados para a produção de força-motriz. Já no arenito, os vales se alargam, as planícies aluviais são contínuas e abertas. Os arroios, lentos e sinuosos, carregam materiais finos. No Teufelsloch, ao norte da sede municipal de Ivoti (denominação atual da antiga vila de Bom Jardim), o arroio Feitoria construiu uma várzea com cerca de um quilômetro em sentido transversal. Nas proximidades da confluência com o Serraria, a planície atinge dois quilômetros de largura. Estas terras baixas estão sujeitas a inundações. Em 1959, as águas atingiram 1,30m e, em 1965, 2,20m acima do nível normal no vale do Feitoria. Já Jahn² assinala o aproveitamento das várzeas: "Há porém nas margens dos rios largos banhados, os quais, se na estação calmosa oferecem ótimos pastos ao gado, são no inverno expostos a grandes inundações, que no ano próximo passado fizeram algum dano aos moradores destes lugares." Destaca ainda que du-

1 - SEMMELMAN, Franz - *Esboço da carta geológica de Ivoti e Dois Irmãos*. Inédito.

2 - JAHN, Adalberto - *As Colonias de São Leopoldo na Província Brasileira do Rio Grande do Sul e Reflexões Gerais sobre a Imigração espontânea e Colonização no Brasil*, p. 47.

rante o inverno os cursos d'água eram percorridos por barcos; esta navegação estacional desapareceu.

A topografia da área é bastante acidentada, com altitudes que oscilam entre 20 e 600 metros; as cotas mais elevadas são encontradas ao norte, nos divisores dos vales dos arroios Feitoria, Serraria, Veado, Rato e rio Cadeia. À margem direita do Feitoria, o relevo apresenta altitudes mais modestas, não ultrapassando 300 metros.³ O relevo regional é típico de borda dissecada de planalto com seus vales muito encaixados e morros isolados que constituem testemunhas do alinhamento principal da escarpa. Estes morros possuem, em geral, uma capa basáltica protetora, assinalada por cornijas. A erosão diferencial vai determinar a morfologia da área. Dominam aí formas tabulares.

Sobre a cobertura vegetal, Lindman,⁴ que percorreu a região nos fins do século passado, deixou um relato que, em grandes traços, corresponde ao da paisagem atual: "pastos e cultivados verdejantes subindo pelas encostas de extensos espigões; morros com densos capões elevando-se sobre um fundo de montanhas mais altas e distantes". Registra ainda a existência de pequenas matas "tão escuras e densas que se reconhece nelas a mata virgem". São restos da floresta tropical que primitivamente recobria a Encosta do Planalto. Grande parte das essências originais desapareceram sob o fogo das queimadas. Cedro, louro, timbaúva, sobragi, arrueira, canela, ipê, angico, araçá, canelinha⁵ destacavam-se, entre outras, na mata primitiva. Atualmente, grandes extensões são reflorestadas com acácia e eucalipto, constituindo uma espécie de pousio.

OS IMIGRANTES

Ao norte de Pôrto Alegre, no vale dos Sinos, uma gleba de terra que o governo português tentara explorar sem sucesso - Real

3 - Na porção sul da linha do Bom Jardim, situa-se o divisor de águas das bacias do Sinos e Caí.

4 - LINDMAN, Dr. C.A.M. - *A Vegetação no Rio Grande do Sul (Brasil Austral)* p. 181.

5 - JAHN, Adalberto - *Op. cit.* p. 49.

Feitoria do Linho Cânhamo – foi loteada e distribuída entre imigrantes alemães a partir de 1824.

O encaminhamento de colonos às terras da Freguesia do Bom Jardim é posterior a 1826, data em que os lotes da Feitoria já haviam sido ocupados como se pode depreender do ofício do Inspetor da Colônia José Thomas de Lima ao Presidente da Província.⁶ Hillebrand⁷ em relatório ao Governo da Província salienta já haverem chegado 19 navios com colonos, o que compeliu ao Inspetor da Colônia à abertura de picadas. Estas, partindo do fundo da Estância da Real Feitoria, em rumo norte, penetraram na mata virgem. Adiante, acrescenta⁸ que as picadas do Bom Jardim, Quarenta e Oito, Quatorze Colônias e Hortêncio estavam abertas entre 1828 e meados de 1830 (figura 1). Neste último ano, a área ocupada compreendia as partes elevadas de Baumschneis (Dois Irmãos) até o morro Affenkopf (Cabeça de Macaco), na picada Quarenta e Oito, e até o Fritzenberg em Portugueserschneis (Picada Hortêncio).⁹

Cedo portanto, em grande parte das terras que viriam a constituir a Freguesia do Bom Jardim estabeleceram-se os imigrantes.

Os povoadores da região provinham de vários Estados da Confederação Alemã. O levantamento feito em duas relações de antigos imigrantes, uma apresentada por Petry¹⁰ e outra por Schlisz¹¹ permitiu apurar que, das pessoas ali inscritas,¹² 35 eram naturais da Renânia, 28 da Baviera, 20 da Prússia, 9 do Holstein, 6 de Württemberg, 4 de Hesse-Darmstadt e uma de Hanover.

6 - LIMA, José Thomas - *Ofício ao Presidente da Província*. Revista do Archivo Publico do Rio Grande do Sul n.º 15/16, 1924. p. 208.

7 - HILLEBRAND, Dr. João Daniel - *Relatório apresentado ao Governo da Província, 1854*. Revista do Archivo Público do Rio Grande do Sul n.º 15/16, 1924. p. 367/8.

8 - HILLEBRAND, - Op. cit. p. 371.

9 - *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul - 1824/1924*, p. 70.

10 - PETRY, Leopoldo - *São Leopoldo*. pp. 141-204.

11 - SCHLISZ, Carl S. J. - *Crônica de Bom Jardim*. In *Deutsches Volksblatt*, n.º 13, 15/2/1898.

12 - Os nomes dos imigrantes constantes nas listas apresentadas por Petry e Schlisz não coincidem.

Figura 1 - MAPA DAS LINHAS

Em 1850, Jahn calcula em 2.534 o número de moradores da Freguesia.¹³ Transcrevendo dados de relatório da época, registra uma população de 2.027 pessoas acrescentando, porém, que suas observações nas várias picadas permitiram fazer um acréscimo de 25%. Refere-se a estimativa somente aos alemães e seus descendentes. A população de origem lusa certamente não constituía um contingente expressivo. Apesar de não ser permitido o trabalho servil na área colonial, Hillebrand registra, em 1850, 15 escravos na Picada do Bom Jardim e 5 nas picadas Quatorze e Quarenta e Oito. Em 1847, havia somente 6 escravos na Picada do Bom Jardim.

Ainda na segunda metade do século passado as terras da Freguesia continuavam a receber imigrantes como se pode concluir de dados fornecidos por Hillebrand.¹⁴

PICADAS	POPULAÇÃO	
	Ano 1847	Ano 1850
Bom Jardim	475	561
48 e Café	495	—
48 e 14	—	640
Café	—	675

Os aumentos populacionais das picadas Café e Quarenta e Oito, em três anos, não podem, evidentemente, ser compreendidos levando em conta apenas o crescimento natural. O aumento do número de fogos, no mesmo período, como se verifica no quadro seguinte¹⁴ é mais um elemento comprovador da continuação do fluxo migratório.

Assim, a pressão de novas levas contribuiu para o aumento da ocupação da colônia. Concomitantemente, observa-se um apreciável deslocamento interno de colonos. Na relação apresentada por Schlitz,¹⁵ onde estão arrolados 54 ocupantes dos lotes da Picada do Bom Jardim, verifica-se a mudança de proprietários em 7 lotes,

¹³ - JAHN - Op. cit. p. 55.

¹⁴ - HILLEBRAND - Op. cit. Quadros n.º 12 e 4.

¹⁵ - SCHLITZ - Op. cit. n.º 13, 15/2/1898.

nos anos iniciais da colonização. Ainda permite dizer que até 1898, 19 lotes mudaram de donos; alguns como o de número 24 do lado direito da Picada, teve nesse período, três possuidores.

PICADAS	NÚMERO DE FOGOS	
	Ano 1847	Ano 1850
48 e Café	91	—
Café	—	122
48 e 14	—	128

Examinando a composição etária¹⁶ da população, em 1847, ressalta a juventude da mesma, pois 67,6% possuíam menos de 20 anos. Os grupos de idade de 60 anos e mais atingiam a 4% do total. Nessa população, predominavam os elementos do sexo masculino, que perfaziam 52,5%.

Na Freguesia dominava a confissão evangélica que englobava 58% da população. Os católicos, porém, eram majoritários na Picada do Bom Jardim, com 244 crentes, enquanto que os evangélicos somavam 231. Nas picadas Quarenta e Oito e Café, dos 495 habitantes, 332 professavam a religião evangélica.¹⁶

O TRABALHO DO COLONO

Partindo da Estância Velha, o imigrante percorria uma estreita vereda aberta na mata - a picada - para atingir a propriedade que lhe tocara. Na maioria das vezes, apenas a testada do lote havia sido demarcada sobre a picada. Os 70 hectares que, aproximadamente, o constituíam tinham limites imprecisos, o que causou, mais tarde, inúmeras pendências entre lindeiros.

Sobre o primeiro contato do colono com a terra, Roche assinala muito acertadamente que o maior esforço possível de imaginação é insuficiente para compreender o sentimento do colono quando se defrontou com a floresta.

¹⁶ - HILLEBRAND - Op. cit. quadro n.º 13.

Diante de uma natureza que lhe era completamente desconhecida, pouco ou nada adiantava ao colono a experiência agrícola que porventura trazia das terras de origem.

A construção de um abrigo e a obtenção de alimentos eram tarefas que se impunham, de imediato, ao colono para sobreviver. Não tendo recebido o auxílio prometido pelo governo, o trabalho a ser cumprido tornou-se ainda mais difícil.

A Habitação

A primitiva habitação colonial era extremamente simples e inferior à que ficou no além-mar. Quatro postes fincados no solo, paredes construídas com taquarinha do mato, fôlhas de palmeira e pendão de milho trançados, colocados entre os troncos e cobertos de barro, telhado de capim constituíam a casa.¹⁷ O assoalho era de terra batida.

Os colonos dispunham de um reduzido mobiliário.¹⁸ Nas famílias católicas as paredes ostentavam imagens de santos ou uma cruz com a vasilha de água benta.

Este tipo de casa não possuía cozinha. Nas suas proximidades ardia o fogo necessário ao preparo dos alimentos.

Quando as condições de vida melhoraram, a cabana construída com técnica nativa foi substituída por uma habitação onde elementos germânicos e nacionais aparecem conjugados. É a casa de enxaimel ainda hoje comum na paisagem de Bom Jardim.

Na entrada da cidade de Ivoti, onde se situava o lote número 8 da picada do Bom Jardim, existe uma casa que ostenta a data 1864.¹⁹ (figura 2). Foi erguida para servir de salão de baile e, posteriormente, foi adaptada para moradia. Sua estrutura é de uma típica casa de enxaimel: uma armação de madeira formada por 4 grossos esteios apoiados na parte inferior sôbre um conjunto de

17 - PETRY, Leopoldo - *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo 1846-1946*, p. 165.

- SCHLISZ - Op. cit. n.º 102, 22/12/1896.

18 - O Padre Schlisz diz que um armário de cozinha era desnecessário naquele tempo porque não havia louça para guardar.

19 - O seu atual proprietário informou que, ao executar uma reforma interna, encontrou uma tábua em que se lia "ano 1864".

CASA DE ENXAIMEL

FACHADA

VISTA LATERAL

vigas que descansam em um alicerce de pedra; outro sistema de vigas sustenta a armação do telhado, esteios secundários intercalam-se paralela e oblíquamente aos principais com a finalidade de tornar mais firme as paredes externas, que são de tijolos. Na fachada principal, distribuem-se, assimetricamente, a porta e as janelas, encaixadas nos esteios secundários. As janelas, do tipo guilhotina, possuem tampões de madeira. A porta, de duas folhas, apresenta almo-fadas esculpidas. No telhado de duas águas, foram utilizadas telhas de calha. Na parte inferior da casa, encontra-se o porão, que antigamente, servia como depósito de bebidas.

A cozinha do antigo salão, como é característico das construções em enxaimel, era separada do corpo principal da casa. Tal disposição era uma precaução contra incêndio.

Habitações do mesmo tipo, ainda existentes, mostram a utilização de outros materiais na construção das paredes externas. Nas mais antigas, são paredes de taipa ou de blocos de arenito que preenchem os espaços entre os esteios. O emprêgo do arenito refletiu uma melhoria das condições econômicas do colono. O tijolo apareceu com a criação de olarias, nas proximidades, e substituiu o arenito por ser mais barato.

A casa de enxaimel, exteriormente, é caiada mas distinguem-se com facilidade os suportes de madeira, formados por grossos troncos de cedro ou supragi cortados na floresta que cobria a região e grosseiramente desbastados.

Os telhados são atualmente cobertos por telhas de calha ou de ferro galvanizado. Poucas construções ainda apresentam telhados de tabuinha ou telha chata, materiais bastante comuns nas coberturas primitivas.

As mais antigas casas de enxaimel só dispunham de tampões; as janelas são mais recentes e seus tipos bastante variados. Fechaduras e dobradiças eram de confecção local.

Para verificar a disposição e a transformação das instalações de uma propriedade rural, foi estudada a que pertence a Carlos Hoch e está situada na Picada do Bom Jardim, (figura 3)

Diferentemente do que ocorre na maior parte das propriedades onde a casa se localiza na frente da picada, nesta, a habitação encontra-se a algumas dezenas de metros do velho caminho. A facilidade de obtenção da água levou os primeiros moradores a instalarem-se perto da sanga que corre no lote.

Numa pequena encosta ergueu-se a moradia. Nas proximidades, uma moenda e um alambique bem como um estábulo-paiol vieram completar as instalações. Atrás do estábulo foi plantado um pomar e aproveitou-se o terreno mais elevado para potreiro. O restante das terras foi paulatinamente utilizado para as lides agrícolas. Hoje se cultiva sobretudo cana-de-açúcar e aveia para forragem. Parte da propriedade está coberta por capoeiras e acácias.

A atual residência é a terceira construída no lote; substituiu a casa de enxaimel com paredes de pau-a-pique levantada em 1846. Desta, permanece a cozinha acrescida de um depósito.

A moradia é uma construção de pedra que foi ampliada no início do século. Conta com quatro quartos, sala de estar e quarto de serviço. Dispõe ainda de um sótão que serve de dormitório e de um porão utilizado para guardar a cachaça destinada ao envelhecimento. As divisões internas e o assoalho são de madeira. Todas as peças possuem luz direta; as janelas do tipo guilhotina são dotadas de tampões de madeira. A porta principal é formada por duas folhas dissimétricas. O mobiliário, extremamente simples, compõe-se do indispensável. O prédio da cozinha consta da cozinha propriamente dita, com assoalho de arenito, dotada de um fogão a lenha e uma sala de refeições com assoalho de madeira.

Aproveitando a inclinação do terreno, ergueu-se em 1852, um prédio, em dois níveis, destinado ao fabrico de cachaça (figura 4). É uma construção cujas paredes são constituídas de blocos de arenito com o telhado feito, em parte, de tabuinhas e, em parte, de folhas de ferro corrugado. Ao que parece, estas últimas substituíram a madeira deteriorada. O assoalho é de terra batida. O prédio sofreu modificações no decorrer do tempo. O telhado, primitivamente, era mais elevado. No nível mais alto da construção sempre esteve instalada a moenda. Esta, agora, é constituída por uma prensa dotada de rolos de ferro dispostos verticalmente. Um motor elétrico for-

POMAR

POTREIRO

PROPRIEDADE DE CARLOS HOCH

----- ACRESCENTADO À CONSTRUÇÃO PRIMITIVA

..... PAREDE DEMOLIDA

10 metros

nece a força necessária. Ainda aí se encontra um forno destinado ao preparo da "Schmier". Uma calha conduz o caldo da cana a tonéis situados no nível mais baixo onde se acha o alambique. Da sanga, hoje com o fluxo reduzido pelo desmatamento, parte uma calha rústica feita de tronco escavado que leva, por gravidade, a água exigida pelo alambique.

Figura 4

O estábulo é uma construção de madeira sobre um alicerce de arenito. Uma parede interna separa o local onde se abrigam as vacas de um depósito em que se armazenam forragem e outros produtos agrícolas.

A Agricultura

A atividade a que o colono se pôde dedicar foi a agrícola. Sua transferência para as terras de mata do Rio Grande do Sul, implicitamente, compreendia o cultivo da terra, mas se assim não fôsse, dificilmente poderia fugir a esta alternativa. Independentemente da profissão exercida na Europa, transformou-se em agricultor. Com o correr dos anos, quando surge a diferenciação profissional, a agricultura continua sendo a atividade comum a todos.

Durante os três primeiros lustros, o colono não tem por que produzir mais do que o necessário para o seu consumo. Dificuldades

de comunicação e de transporte e precariedade de instrumentos foram fatores limitantes do seu trabalho. Mais tarde, estimulado pelo desenvolvimento comercial ²⁰ e já dispondo de ferramentas mais diversificadas, encontrou motivo para estender a área cultivada.

Um mundo totalmente diferente do que conhecia foi pôsto à disposição do imigrante germânico. Conduzido ao lote que lhe coubera, reação de espanto e surpresa deve ter sido a do primitivo ocupante alemão das picadas do Bom Jardim diante da paisagem a humanizar. A exuberante floresta era um desafio para o qual não estava preparado. A experiência de agricultor europeu não lhe dava superioridade sobre o compatriota artesão também constringido às lides da lavoura. Ambos adotaram a queimada indígena, que executavam com certo receio. Inicialmente, derrubavam pequenas parcelas de mata, por exemplo, o suficiente para o plantio de uma quarta de milho, cortavam os galhos em pequenos pedaços que eram amontoados para secar antes de serem queimados. Os troncos mais grossos eram afastados, ou, quando havia possibilidade, jogados em um curso d'água. Temiam incendiar a mata pois pensavam que o fogo se alastraria. Procuravam ainda arrancar as raízes porque não concebiam o plantio entre restos de troncos e raízes. ²¹

Não sendo a queimada uma boa prática, é de se indagar se sobrava ao colono outra alternativa. Os malefícios da queimada não foram ignorados. O professor Führ, da Picada Schneider (parte da Picada Café) ²² chama a atenção para o fato, além de fazer referência ao aproveitamento da madeira de lei, anteriormente desperdiçada, e ao preparo de lenha para o consumo. Quando as condições gerais da colônia melhoraram, a conservação do sistema não se justificava e, certamente, o seu abandono teria dado outras perspectivas à agricultura local. Referindo-se à colonização alemã em seu todo, Roche ²³ assinala que "o colono alemão assimilou com tal perfeição esta técnica, permitindo dizer que a luta pela conquista da floresta virgem tornou-se a sua forma de vida." Assim, a adoção

20 - SCHLISZ - Op. cit. 10/8/1897.

21 - *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul* - p. 188.

22 - SCHLISZ - Op. cit. 17/8/1897.

23 - ROCHE - Op. cit. p. 54.

da queimada, apesar de denotar um retrocesso foi um dos muitos traços de aculturação alemã.

O sítio da primeira lavoura era escolhido pela proximidade da habitação. Seus limites ficavam restritos à distância a que a força dos braços podia transportar a colheita. Pela destruição de pequenos trechos de mata organizaram-se lavouras de subsistência. Os instrumentos de trabalho disponíveis eram o machado, o facão e a enxada.²⁴ A superfície cultivada relacionava-se com o número de pessoas da família em condições de prestar serviço. Duas pessoas plantavam, em Picada Café, no terceiro quinquênio da colonização, uma a duas quartas (7,5 a 15 quilos) de feijão; famílias maiores semeavam meio saco.²⁴

A ampliação da área agrícola deu-se após a década de 1840. O aumento de população e um comércio incipiente com o exterior explicam a necessidade do crescimento da produção. Agora o colono dispõe de melhor aparelhagem agrícola: conta com o auxílio de animais e utiliza o arado.

Até então, na economia de subsistência que se desenvolveu, a participação de animais na atividade agrícola fôra insignificante. A moeda era escassa e a obtenção de animais nas zonas de criação exigia pagamento em dinheiro. A falta de animais de tiro era um dos óbices ao emprêgo do arado e impedia a existência da carreta. O dinheiro para os primeiros animais adquiridos pela Freguesia foi ganho em trabalhos realizados "em uma fazenda a 10 horas de viagem de São Gabriel".²⁵ Três colonos receberam em pagamento 100\$000 (cem mil réis) com os quais compraram um cavalo e algumas vacas. Posteriormente, os tropeiros da Campanha ou de Cima da Serra tornaram-se fornecedores de animais da Colônia. O preço do gado adquirido era inferior ao custo da criação, se o colono a promovesse.²⁶ Uma família pequena possuía dois ou três cavalos, uma junta de bois e vacas leiteiras. O cavalo servia para montar, para puxar o arado, para transportar gêneros e para debulha. Os bovinos vieram a substituir os cavalos no arado. Este era bastante

24 - SCHLISZ - Op. cit. 11/8/1897.

25 - Idem Ibidem - 1/1/1897.

26 - Idem Ibidem - 24/8/1897.

simples e podia ser fabricado na Colônia. Um dos tipos mais usados consistia num timão, varilha, pá e braços. Servia só para revolver a terra. Era empregado ainda o arado com duas rodas frontais, na maioria dos casos, puxado por bois. Nas roças novas, os restos de troncos e raízes impediam o uso do arado. O trabalho dêste era difícil ainda nas terras íngremes e pedregosas comuns nos vales da Freguesia.

As lides da terra desenvolviam-se durante todo o ano, ao contrário do que acontecia na Europa, onde o inverno é uma estação de descanso. Os mais velhos costumavam dizer em tom queixoso: "no Brasil o camponês não tem repouso; concluído um trabalho, aparece outro".²⁷ As ervas daninhas que se desenvolvem com mais rapidez e em maior quantidade do que no Velho Mundo aumentavam a tarefa do colono e, como se isto não bastasse, formigas, papagaios e macacos eram gratuitos associados do agricultor. Em janeiro o colono plantava batatas, limpava a terra e construía ou arrumava as cercas. Em fevereiro continuava as limpezas e reformas e procedia à colheita do amendoim. De março a junho estendia-se a safra do milho. A do arroz iniciava-se no mesmo mês, indo até abril. O corte da cana-de-açúcar era feito entre maio e junho. Neste último mês colhia-se batata e plantava-se a lentilha, a ervilha, a cevada, o trigo e o centeio. Entre julho e outubro preparavam-se as terras para o feijão e o milho e procedia-se à capina do feijão. Este último era plantado em agosto, época em que se realizava o segundo plantio da batata. Os dois meses seguintes eram de grande atividade: organizavam-se as lavouras de milho, mandioca, amendoim, arroz, cana-de-açúcar, batata-doce e abóbora. No fim desse período cortava-se o mato. O plantio de milho e abóbora compreendia ainda os dois meses seguintes quando se efetivava também a colheita da lentilha, centeio, cevada, trigo, ervilha, feijão, batata, além da capina em várias culturas e corte de mato. Àqueles produtos veio juntar-se mais tarde o algodão.

Das culturas citadas, um grupo acompanhou o colono na sua transferência da Europa e o outro lhe era totalmente desconhecido. O trigo, o centeio e a cevada, que inicialmente plantou como culturas

27 - Idem Ibidem - 6/8/1897.

principais, rapidamente cederam lugar a produtos adaptados à área subtropical. Se o clima não trouxe qualquer dificuldade à existência do europeu, sua influência indireta foi marcante. O alemão aproveitou as possibilidades agrícolas do meio em detrimento de culturas que lhe eram familiares na terra de origem. Substituiu hábitos alimentares além de aprender a lidar com produtos que lhe eram desconhecidos. Na verdade, tentou por muito tempo plantar trigo, centeio e lentilha, porém, como se lê na *Crônica do Bom Jardim*, os resultados eram pouco compensadores. "As lentilhas não frutificavam, a cevada produzia colheita muito irregular"²⁸ O trigo e o centeio também não apresentaram resultados nem ao menos satisfatórios. "Nenhuma das culturas que se impuseram aos colonos alemães e que constituíram o essencial de seus recursos é de origem européia".²⁹ Os produtos a que se refere o segundo grupo antes mencionado, aí se enquadram.

Milho, feijão, mandioca eram as culturas mais importantes. O colono costumava, em um trato de terra de 25 braças por 50, plantar duas quartas de feijão para colhê-lo de 6 a 7 sacos. Em espaço igual, cultivava uma quarta de milho, obtendo vinte sacos. Às vezes, costumava plantar a mandioca junto com o milho. Milho, batata-doce, abóbora e cana-de-açúcar eram utilizadas tanto na alimentação humana quanto na ração dos animais. O milho foi, sem dúvida alguma, a cultura mais importante da Colônia e a que mais trabalho exigia. O arroz se fazia predominantemente em cultura seca; em 25 braças quadradas obtinham-se de 16 a 18 sacos. Sua colocação no mercado se fazia com facilidade.

A debulha era uma operação morosa e muito cansativa. A princípio, debulhava-se o feijão com batedores de madeira.³⁰ Mais tarde usou-se fazer passar um cavalo sobre um pano de 7 metros de lado onde se colocava o feijão e, dessa forma debulhava-se seis a sete sacos por dia. A descascadura do milho, que logo após a colheita era depositado no galpão, fazia-se à noite, pela família e

28 - SCHLISZ - Op. cit. 17/8/1897.

29 - ROCHE - Op. cit. p. 196.

30 - SCHLISZ - Op. cit. 17/8/1897.

vizinhos reunidos, enquanto os mais velhos discorriam sobre fatos referentes à imigração ou à fundação da Colônia.³¹

O cultivo do algodão não obteve sucesso. Evidentemente a área não era propícia ao seu desenvolvimento. Foi a necessidade de substituição da roupa desgastada que levou o colono a plantar esta fibra de resultado pouco compensador.

Os suínos e galináceos, a partir de 1860, tomam grande incremento. A criação de porcos, bem como de galinhas, atingia de 40 a cem unidades. A Colônia tornou-se importante fornecedora de banha e a manteiga e os ovos propiciavam à dona de casa uma pequena renda para as despesas menores.

A indústria rural

A agricultura desenvolvida pelo colono e o isolamento da comunidade exigiu o aparecimento de uma rudimentar atividade de industrialização.

A transformação de produtos agrícolas respondeu, inicialmente, à necessidade de auto-consumo. Quando, após a Revolução (1845), o isolamento diminuiu, possibilitando um comércio com o exterior, só persistiram aquelas indústrias que encontraram colocação para os excedentes. Estes forneceram o dinheiro com que o colono adquiriu certos produtos anteriormente fabricados pelo artesanato local. Assim, atividades como a fiação e a tecelagem ou desapareceram ou sua prática ficou limitada apenas às famílias pobres.

Cachaça, farinhas, óleos, fios e tecidos eram fabricados em instalações caseiras que atendiam apenas à produção da propriedade. Existiam também estabelecimentos especializados que trabalhavam mediante remuneração.

A moagem de cereais, antes de 1834, processava-se em moinhos localizados entre a Picada e São Leopoldo. Por esta época reuniram-se os habitantes de Bom Jardim e trabalharam gratuitamente para a construção de um moinho na Picada. O pequeno débito do riacho, cuja força deveria movimentá-lo, foi o responsável por sua curta duração. Na moagem do milho registra-se a utilização de um moinho manual.³²

31 - SCHLISZ - Op. cit. 14/9/1897.

32 - Idem Ibidem - 3/9/1897.

As atafonas eram muito difundidas na Freguesia. Em Picada Quarenta e Oito, quase tôdas as propriedades possuíam instalações rudimentares para o preparo da farinha de mandioca, que se iniciava em abril. Os tubérculos trazidos da roça eram descascados pelas erlanças. Após, eram cortados, lavados e ralados. Da massa obtida extraíam-se, por prensagem, a água e as substâncias venenosas contidas na mandioca. Finalmente, procedia-se à torrefação em tachos de cobre.³³ Havia os que se especializavam no fabrico da farinha. A *Crônica de Bom Jardim* registra como o primeiro atafoneiro um certo Müller, cujas instalações podiam beneficiar, diariamente, cinco ou seis sacos do produto. Os custos da industrialização eram módicos, fácil a colocação no mercado e compensadores os preços alcançados. Havia atafonas que vendiam até 100 sacos anualmente.

A cultura da cana-de-açúcar destinava-se, primordialmente, ao fabrico de cachaça. Na mesma época em que surgem as atafonas, isto é, 1840, aparecem os alambiques. Bom Jardim, Picada Quarenta e Oito e Picada Café, em pouco tempo, contavam com cerca de trinta daqueles destiladores. A cachaça exigia instalações mais caras do que a farinha, mas, em compensação, era um produto mais rendoso. Houve época em que uma pipa de cachaça era vendida por 240\$000 (duzentos e quarenta mil réis) e a capacidade de produção anual por alambique era de cinco a dez pipas.³⁴

A lavoura algodoeira não apresentou importância no desenvolvimento da Colônia. As condições locais não satisfaziam ao cultivo da fibra, este, no entanto, persistiu por um certo tempo em virtude de exigências meramente locais. A dificuldade de obter panos, devido ao isolamento colonial e à carência de dinheiro, foi resolvida pela produção doméstica. As famílias fiavam e teciam para o seu gasto. A fiação era tarefa feminina, e os homens ou os meninos eram os tecelões de panos grosseiros utilizados para roupa de cama, camisas, sacos, etc. Tais atividades eram executadas à noite, após as lides da lavoura. Encontravam-se colonos que exerciam a profissão de tecelões, como Karl Ritter, morador do lote número um

33 - SCHLISZ - Op. cit. 3/9/1897.

34 - Idem Ibidem - 17/8/1897 e 24/8/1897.

de Bom Jardim que também trabalhava o linho. Era um trabalho penoso e pouco remunerador. Após a Revolução sua importância se viu reduzida pela entrada de tecidos de outras procedências.³⁵

Outros ramos de atividade ligados ao pequeno artesanato apareceram, mas sem evoluir para uma moderna organização fabril. A coletividade de Bom Jardim dispunha de sapateiros, alfaiates, correeiros, marceneiros, torneiros, ferreiros que serviam apenas no âmbito da Freguesia.

O comércio

A venda desempenhou na vida colonial de Bom Jardim uma função essencial. Escoando os excedentes, fornecendo o que não se produzia na localidade, servindo de ponto de reunião, transformando-se, algumas vezes, em salão de festa e, ainda mais tarde, até em casa bancária, a venda era o ponto de contato da Colônia semi-isolada pelo precário sistema de comunicação. A escassez do dinheiro estabeleceu, entre o vendeiro e o colono, um sistema de trocas³⁶ que permaneceu mesmo quando não mais se justificava e que favoreceu muito mais o vendeiro do que o colono. O vendeiro associava ao seu negócio o dos transportes, o que lhe facilitava, dentro das condições existentes, o escoamento dos bens para São Leopoldo ou para Pôrto Alegre. Naqueles locais, abastecia-se em mercadorias exigidas pelos seus clientes.

As primeiras vendas de Bom Jardim datam do início da terceira década do século passado. Junto ao Lehmberg, Lavalt abriu uma venda e matadouro; no lote número dois, lado oeste da Picada existia o armazém de Paul Kasper; Jacob Eckert, no lote número 19, oeste, estabeleceu-se com uma venda. No lado leste, o lote vinte e seis, situado no caminho para o Teufelsloch, abrigava o negócio dos comerciantes conhecidos como *Kleine Käser*. Na Picada Quarenta e Oito, encontrava-se o armazém de Mehring.³⁷ Na obra *Hundert Jahre Deutschum in Rio Grande do Sul* encontra-se referência ao armazém de Phillip Kerber no Teufelsloch, na época da

35 - Idem Ibidem - 3/9/1897.

36 - ROCHE - Op. cit. p. 312.

37 - SCHLISZ - Op. cit. 7/9/1897.

Revolução, e ao de Von Pappen na antiga casa paroquial de Bom Jardim.³⁸ Posteriormente surgiu a casa Trein³⁹ cuja evolução originou o grupo Mentz, hoje sediado em Pôrto Alegre.

A venda o colono entregava os excedentes produzidos. Num documento transcrito por Roche,³⁹ referente à Casa Trein, verifica-se que esta recebeu do agricultor Petter Sier, entre junho e outubro de 1851: um porco gordo, três sacos de batatas, quarenta e sete quilos de toucinho, sete sacos de milho, seis galinhas meio porco e álcool. Sal, café, cachaça do Nordeste, variados tipos de tecidos, agulhas, linha, botões, querosene, facas etc. eram as mercadorias adquiridas pelos agricultores.

Schlisz registra que o abastecimento das vendas fazia-se em Pôrto Alegre.⁴⁰ No entanto, Roche, bem documentado, salienta a função de São Leopoldo como redistribuidora das mercadorias provenientes e destinadas às várias picadas.⁴¹ O escoamento da produção se fazia por carretas até São Leopoldo de onde era embarcada para Pôrto Alegre. A viagem de ida e volta levava de oito a quatorze dias. Somente mais tarde serão feitas as ligações diretas com a Capital.

O vendeiro determinava não só o preço de suas mercadorias mas também do que comprava ao colono. O que este adquiria na venda era bastante dispendioso. Em 1851, os fósforos, por exemplo, valiam o mesmo que uma dúzia de ovos e duas libras de farinha de trigo correspondiam ao preço de venda de uma galinha; com um quilo de toucinho comprava uma libra de biscoitos.⁴² Como se não bastassem os preços altos, o colono durante muito tempo não recebia dinheiro quando sua conta apresentava saldo. A conta-corrente de Spier mostra, no período junho-julho, um saldo de 17\$900 (dezessete mil e novecentos réis); em agosto, 15\$440 (quinze mil quatrocentos e quarenta réis) e no fim de outubro 1\$340 (mil trezentos e quarenta réis). Quando findava o século passado, a situação

38 - *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul* - p. 241.

39 - ROCHE - Op. cit. p. 313.

40 - SCHLISZ - Op. cit. 7/9/1897.

41 - ROCHE - Op. cit. p. 326.

42 - ROCHE - Op. cit. p. 317.

já se modificara: o vendeiro, periodicamente, entregava ao colono o saldo em dinheiro.

Criadas pelos imigrantes de maior iniciativa, as vendas, a princípio bastante modestas, transformaram-se em empórios de certo vulto. Schlisz⁴³ cita armazéns espaçosos, com bom sortimento, que se presume terem sido fundados nos fins do século. Distribuíam-se pela Picada, então, as casas comerciais de Simonis, Strasburger, Cristian, Müller, Bauerman, Rose e Lamb.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colonização germânica na Freguesia do Bom Jardim caracterizou-se pela atividade agrícola. As diferenças entre o ambiente de origem e a nova terra conduziram o imigrante a adotar formas de trabalho há muito abandonadas na Europa, tornando-se a queimada o instrumento principal da conquista da terra.

O isolamento dos primeiros anos condicionou o colono a produzir o indispensável ao consumo. A produção foi se adaptando às possibilidades do meio, à medida em que as culturas cerealíferas de origem européia demonstraram ser pouco rendosas e as gerações mais novas deixaram de lhes dar importância. Os produtos que se impuseram, na sua quase totalidade, eram desconhecidos do agricultor europeu.

A melhoria das comunicações, o maior número de braços disponíveis e o aproveitamento da tração animal refletiram-se no aumento da produção pela extensão da área cultivada. Os excedentes alimentaram um sistema de comércio centralizado nas vendas onde a moeda nem sempre desempenhou papel importante.

O artesanato desenvolveu-se o suficiente para atender à comunidade mas não teve força para sobreviver quando enfrentou a concorrência do exterior.

Na paisagem, a colonização imprimiu alguns traços culturais de origem germânica que aparecem sobretudo na casa de enxaimel.

43 - SCHLISZ - Op. cit. 10/9/1897.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- HILLEBRAND, Dr. João Daniel – *Relatório apresentado ao Governo da Província pelo Dr. João Daniel Hillebrand, Ex-Diretor das Colônias, 1854* – in *Revista do Archivo Público do Rio Grande do Sul*. Pôrto Alegre, Officinas Graphicas da Escola de Engenharia de Pôrto Alegre (15-16): 337-438, setembro/dezembro 1924.
- Hundert Jahre Deutschum in Rio Grande do Sul – 1824-1924* – Pôrto Alegre, Typographia do Centro, 1924, 568 p.
- JAHN, Adalberto – *As Colonias de São Leopoldo na Provincia Brasileira do Rio Grande do Sul e Reflexões Geraes sobre a Immição Espontanea e Colonisação no Brazil*. Leipzig, F.A. Brockhaus, 1871. 79 p.
- LIMA, José Thomas – *Officio do Presidente da Província* – in *Revista do Archivo Público do Rio Grande do Sul*. Pôrto Alegre, Officinas Graphicas da Escola de Engenharia de Pôrto Alegre (15-16): 208, set./dez. 1924.
- LINDMAN, Dr. C.A.M. – *A Vegetação no Rio Grande do Sul (Brasil Austral)*. Tradução de Alberto Löfgren. Pôrto Alegre, Typographia da Livraria Universal, 1906. 360 p.
- PETRY, Leopoldo – *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo. 1846/1946* – Pôrto Alegre, Livraria do Globo, 1947. 473 p.
- PETRY, Leopoldo – *São Leopoldo, Berço da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Monografia*. 2.^a Ed. São Leopoldo, Prefeitura Municipal de São Leopoldo, Oficinas Gráficas Rotermund Cia. Ltda. 1964, 209 p.
- ROCHE, Jean – *La Colonisation Allemande et le Rio Grande do Sul*. Paris, Université de Paris, Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, 1959, 703 p.
- SCHLISZ, Carl S.J. – *Chronik von Bom Jardim oder kurzgefaste Geschichte der dortigen katholischen Gemeinde* – in *Deutsches Volksblatt*. Hugo Metzler. 1896 (100/103); 1897 (1/104); 1898 (1/21).

CARTAS E PLANTAS CONSULTADAS

- Carta Topográfica de Nôvo Hamburgo* – Região Sul do Brasil, Diretoria do Serviço Geográfico – Ministério da Guerra. Escala 1:50.000, 1.^a ed. 1963.
- Carta Geológica de Ivoti e Dois Irmãos* – Esbôço organizado pelo Dr. Frans Semmelman (inédito).
- Planta Topográfica de uma parte do Município de São Leopoldo* – Ernst Müsell agrimensor, Adalbert Jahn Engenheiro, 1870, Copiado em 1953, Escala 1:75.000.